

**«NUNCA VIMOS COISA IGUAL!» (Mc 2,12)****LIÇÃO - 1****«Vós estareis tristes» (Jo 16,20)****por Pierluigi Banna\***

É impressionante a verdade a que nos introduz o canto *Non son sincera*. Podemos viver, podemos procurar fazer alguma coisa de bom na vida, podemos até decidir passar as férias da Páscoa não na discoteca, mas no Tríduo dos Liceus e, no entanto, existe uma voz no fundo de nós que nos diz que não somos sinceros. «Passa o meu tempo, não sou sincera. Amo as pessoas, não sou sincera. Vivo o presente, não sou sincera» (p. 27 do Livreto).\*\* Podemos até apaixonar-nos, viver à grande, ter tocado as estrelas, e ainda assim, aqueles erros habituais e a incoerência regressam de forma estável, mesmo diante de todas as emoções, de todos os entusiasmos que nos prenderam na vida. Dissemos até, nalguns raros momentos: «Nunca vimos coisa igual!», mas depois parece que, ao virar a garrafa, está lá escrita a data de validade; e por isso acaba o efeito, e volta-se à habitual vida de antes.

Quase que nos vem a tentação de nunca mais dizer aquela “maldita” frase: «Nunca vimos coisa igual!», porque mais tarde ou mais cedo o efeito acaba, desvanece-se. Escreve um de vocês: «A frase: “Nunca vimos coisa igual!”, eu não quero pronunciá-la. Porque sei, por experiência, que uma vez experimentada a emoção do momento, com o tempo esta posição não resiste». Algo de semelhante escrevia a poetisa Alda Merini (na p. 28 do Livreto): «Aquilo que passou [ainda que grande] / é como se nunca tivesse existido [...] / Aquilo que já vi / já não conta para nada» (*Il mio passato*). Surge, então, a pergunta que tantos de vocês fizeram nos vossos contributos: «Vale a pena sermos felizes, se não estamos seguros de que dura para sempre?». Ou: «Como é que se pode ter um olhar sedento que não se apague diante da primeira dificuldade?». Outro escreve ainda: «Assusta-me pensar que os 17 anos da minha vida tenham sido uma sucessão indistinta e irrelevante de coisas bonitas e feias; isto mete-me medo. Como que se faz para nos darmos conta de que esta beleza existe mesmo? Como é que se é capaz de procurá-la de forma eficaz? Onde é que está esta coisa que dá sentido e ordem a todas as anedóticas confusões da vida?». Esta é a pergunta de hoje, rapaziada. Tentem pô-la à prova na vossa vida. Estamos mesmo condenados à ditadura dos sentimentos, graças à qual, passada a emoção, qualquer coisa bonita se transforma numa velha recordação?

Pensem, também os discípulos de Jesus tinham o mesmo problema: na quinta-feira à noite estavam sinceramente afeiçoados àquele homem: «Ainda que todos se escandalizem contigo, nós não!», diz-lhe Pedro, e acrescenta: «Eu morrerei contigo»; e os outros: «Também nós!» (cf. Mt 26,33-35). Mas passadas pouquíssimas horas, são tomados pelo sono e não conseguem fazer-lhe companhia enquanto Ele atravessa o momento mais dramático da sua vida. No Horto das »

\* Lição no Tríduo Pascal dos Liceus, Rimini, 14 de abril de 2017.

\*\* O livreto «Nunca vimos coisa igual!» inclui textos citados ao longo do Tríduo Pascal e pode ser [descarregado no formato PDF](#).

» Oliveiras, os seus discípulos adormecem. E no momento em que Jesus é preso, fogem todos. Quanto mais morrer por Ele! Fogem e abandonam-nO. Como veem, nós somos como eles. Depois da primeira emoção – que nos faz exclamar: «Nunca vimos nada assim!» –, é preciso muito pouco para tudo desmoronar.

Os sentimentos dos Apóstolos são os mesmos que os nossos: vemos, espantamo-nos, fazemos promessas, mas depois fugimos. Escutemos com atenção as palavras do Evangelho. Então, tudo tem mesmo de ter uma data de validade? Estamos condenados à ditadura dos sentimentos?

«Saíra, para o monte das Oliveiras. E Jesus disse-lhes: “Vós todos vos escandalizareis, pois está escrito: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas serão dispersas’. Mas depois que eu ressurgir, eu vos precederei na Galileia”. Pedro respondeu-lhe: “Ainda que todos se escandalizem de ti, eu, porém, nunca!”. Jesus disse-lhe: “Em verdade te digo: hoje, nesta mesma noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me terás negado”. Mas Pedro repetia com maior ardor: “Ainda que seja preciso morrer contigo, não te renegarei”. E todos disseram o mesmo. Voltando terceira vez, disse-lhes: “Dormi e descansai! Basta! Veio a hora! O Filho do homem vai ser entregue às mãos dos pecadores. Levantai-vos e vamos! Aproxima-se o que me há de entregar”. Então, todos o abandonaram e fugiram». (Mc 14,26-31.41-42.50).

«Todos o abandonaram e fugiram». Mas como? Abandonam a coisa maior, a pessoa maior que tinham encontrado na vida? Sim, sob a onda do medo, da incerteza, abandonam-nO. Parecia uma grande amizade, aquele homem parecia ser o maior amigo que alguma vez tinham encontrado, e bastou tão pouco para os fazer fugir? Parece ter razão *A beautiful disaster* (p. 29), uma canção que pode agradar mais ou menos, mas que diz uma coisa significativa: «Pego naqueles momentos de vida que vivi por engano [porque tem de se justificar tê-los vivido por engano] e transformo-os em emoções de pequeno porte». A ditadura das emoções de pequeno porte! O medo improvisa, a angústia, a raiva, a incompreensão esmagam até as coisas mais bonitas da vida, como aconteceu com os discípulos de Jesus. Muitos de vocês contam isso nos vossos contributos. Finalmente apareceu aquela paixão que há tanto esperavam: ela é a certa e as coisas correm bem, também ela está apaixonada. Que intensidade de olhares! Que cumplicidade! «Parece que me conhece desde o berço. Nunca tinha visto uma coisa tão bonita!». Mas uma manhã, tudo corre mal de uma só vez. Acontece de tudo: o despertador não tocou, o teu pai já saiu de casa, tens de apanhar o autocarro e entrar na segunda aula, fazes tudo a correr, tudo a correr! Tinhas também uma chamada oral e “ela” começa a mandar-te mensagens: «Mas onde é que estás?», «Estava à tua espera!», «O que aconteceu?», «Por que é que não vieste?». Entretanto, enquanto estás no autocarro, dás-te conta de que talvez devesse apanhar mais vezes o autocarro, porque está ali aquela rapariga querida que é tão bonita, é muito simples, não está a bombardear-te com mensagens, a pretender saber onde estás, o que fazes; basta um olhar e compreendem-se. Ao passo que responder a “ela” não é tão espontâneo, e depois «mas quem é que ela acha que é na minha vida?». Então, pensamos que acabou. Bastam emoções de pequeno porte para esmagar até as maiores promessas. Diria Leopardi: «*Mas se um acorde dissonante fere o ouvido [se uma emoção errada fere o ouvido] / em nada aquele paraíso se transforma num instante*» (*Sobre o Retrato duma Bela Dama...*). Aquele paraíso desvanece-se, fica esmagado. Então parece que somos obrigados a esta ditadura das emoções, a mudar de opinião a toda a hora, a não nos podermos afeiçoar a nada, a sermos escravos, presas dos sentimentos. Dom Giussani pergunta-se qual é o inimigo da amizade: «O inimigo da amizade é o humor», porque o humor é a reação imediata (tristeza, aborrecimento, raiva), «é como a flor do campo [...]: de manhã existe, e à noite já secou» (na página 28).

Podemos até pensar em defender-nos com estratégias, mas também estas se revelam de curto fôlego: procuramos não nos deixar arrastar pelo vento das emoções, procuramos repetir a nós mesmos e convencer-nos de que é inútil entusiasmar-se e iludir-se, uma vez que a emoção pas- »

» será, porque já as experimentastes todas e sabes que no fim não serás feliz! Dizemos: «Eu sou um bloco de gelo, nenhuma emoção me toca. Precisamente porque sei que depois passam, não me afeiçoo a ninguém». Tentamos ser cínicos, como pedras, com um eletroencefalograma plano, refratários ao que acontece. Disfruto cada relação por aquilo que me interessa, porque já experimentei tudo, já sei como vai acabar e tento ficar diante das situações como uma pedra, com um eletroencefalograma plano. «Sim, vais ao Tríduo? Mas sabes que o fazem todos os anos? Todos chegam e exclamam: “Lindo, lindo!”, mas depois voltam para casa e acabou tudo. Fica calmo! Estás em primeira, eh! Mas quando meteres a quinta, perceberás que é uma roda». Como escreve com grande perspicácia um de vocês: «O que é que faço com este espanto provocado por este abraço que me foi dado, se depois, amanhã de manhã, voltarei a viver a minha vida exatamente como ontem e anteontem, sem que nada tenha verdadeiramente mudado em mim?». Isto é verdadeiramente desumano: ser cínico já aos catorze, quinze, dezasseis anos! Pensar que nada me poderá mudar, saber já como vai acabar tudo.

Mas então as emoções são para eliminar? Não! Oíçam como continua Dom Giussani (p. 28): «A amizade não é contra a emoção» (*Acontecimento de liberdade*). Porque um homem sem emoções, é um homem morto. Quem renunciaria ao espanto do início, como acontece quando nos apaixonamos? Quem renunciaria ao «pânico dulcíssimo e terno e surpreso» (É possível viver assim?) que nos toma diante de alguém que nos atrai, diante de uma pessoa que finalmente nos compreende? Quem é que renunciaria? Seria verdadeiramente desumano não nos entusiasmos, não nos zangarmos, não ficarmos tristes. A realidade, pelo simples facto de acontecer, desperta um sentimento, provoca emoções que abrem o coração.

A amizade verdadeira não é contra a emoção, mas «a verdadeira amizade é contra a emoção sem razão» (*Acontecimento de liberdade* p. 28), porque uma emoção sem razão faz-te experimentar mil coisas, mas faz com que te escape o sentido, não te deixa captar o significado. Como diz Eliot: «Fazemos experiência, mas foge-nos o significado» (*I quattro quartetti*, p. 29). O que quer dizer uma emoção sem razão? Dou um exemplo banalíssimo. Vocês diriam: mas assim é demasiado simples! Porém acontece exatamente assim. Eu vou a um bosque e vejo um lindíssimo cogumelo, mesmo bonito, parece pertencer ao mundo dos Estrumpfes, com aquele cabelo com as pontas simétricas, depois uma mais grossa, uma mais pequena. Lindo! Mas que belo cogumelo! Deve ser o cogumelo mais bonito do mundo. Não vejo a hora de o comer. Aliás, vou comê-lo cru. Um pouco de azeite em cima; delicioso! À minha frente está um velho cartaz que tem escrito: «Atenção: cogumelos venenosos!». Não, mas este é bonito demais para ser venenoso! Imaginem! É tão bonito! Comoveu-me. Apanho-o. Tenho de seguir esta emoção. Apanho o cogumelo, tenho de o comer. É tão bonito que não pode não ser bom. É tão bom que... me mata! Esta é emoção que confunde o coração, que nos priva da razão. Debaixo da onda desta emoção sem razão, nós comportamo-nos mil vezes por dia assim com outros tipos de cogumelos (estamos entendidos...), mas sobretudo com as amizades, que é a coisa mais grave: «Mas sim, é uma façanha, qual é o mal?». Raciocina, raciocina! És um homem, graças a Deus. Quando seguimos as nossas emoções sem razão – sabem-no bem –, sucede aquilo que dizíamos ontem à noite: somos tramados por nós mesmos, e nem sequer podemos culpar ninguém. Como diz o canto que vamos cantar agora, encontramos na mão apenas «terra queimada», tendo esmagado também as experiências mais bonitas. Como aconteceu também com os discípulos: terra queimada, nomes sem um porquê. O que é que tinham feito daquela relação com Jesus? «Fica só a lembrança de um dia perdido / e certamente a espera de ti». Cantemos juntos *La guerra*, na página 29.